

MARCO FLÁVIO/GTPS

PECUÁRIA BRASILEIRA: MERCADO AJUSTADO

PECUÁRIA NO BRASIL: TRÊS PONTOS CONJUNTURAIS

Oferta não mostra expansão

A crise econômica brasileira reduziu o consumo interno de carne bovina. Com preços mais baratos, as carnes de aves e suínos ganharam mais participação de mercado. Quanto à expectativa de uma maior disponibilidade de carne bovina para este ano, pode ser que isso não esteja acontecendo. No primeiro trimestre, os pecuaristas intensificaram o abate de matrizes não embrenhadas na estação de monta, para cumprir os contratos de vendas com os frigoríficos; neste ano, a quantidade de abate foi menor, mas a participação percentual das fêmeas aumentou.

BRASIL: ABATE DE BOVINOS NO PRIMEIRO TRIMESTRE
EM MILHÕES DE CABEÇAS

ANO	Abate	% fêmeas	% machos
2007	7.957	63,1	37,9
2008	7.249	54,4	45,6
2009	6.489	58,3	41,7
2010	7.083	61,0	39,0
2011	7.103	56,6	43,4
2012	7.218	54,5	45,5
2013	8.187	53,1	46,9
2014	8.367	53,1	46,9
2015	7.732	56,1	43,9

Fonte: IBGE

Ciclo de alta mais duradouro

O quadro atual combina a continuidade no elevado abate de fêmeas com a pequena variação no estoque de rebanho. A quantidade de animais abatidos não cresce. Por sua vez, há uma dificuldade por parte dos pecuaristas para fazerem a reposição dos animais. Nessa condição, o cenário de aumento na oferta de animais para abate não acontece. Com isso, aumenta a probabilidade de a reversão do ciclo de alta nos preços retardar para depois de 2017. Essa situação persistirá se o mercado interno aumentar as compras e as exportações ampliarem-se. Assim, as pressões de alta nos preços registradas no primeiro semestre devem se repetir. Outra questão que afeta a produção pecuária é a expansão da fronteira agrícola, com redução das áreas de pastagens.

BRASIL: REBANHO E ABATE DE BOVINOS
EM MILHÕES DE CABEÇAS

ANO	Abate	Rebanho
2000	17,1	169,6
2001	18,4	176,4
2002	19,9	185,3
2003	21,6	195,6
2004	25,9	204,5
2005	28,0	207,2
2006	30,2	205,9
2007	30,5	199,7
2008	28,7	202,3
2009	27,9	205,3
2010	29,3	209,5
2011	28,9	212,8
2012	31,2	211,3
2013	34,4	211,7
2014	33,9	212,3

Fonte: IBGE

Pequeno recuo nas exportações

As exportações do segundo semestre devem compensar parte da queda ocorrida no primeiro semestre. Mesmo assim, as projeções apontam uma redução nas exportações deste ano de 10% a 15%, quando comparado a 2014. As importações da Rússia e da Venezuela foram afetadas pelas desvalorizações do câmbio e do petróleo. Já Hong Kong reduziu as compras com a decisão do governo chinês de combater de modo mais rígido a entrada ilegal de produtos na China continental por meio deste mercado. Egito e Estados Unidos compraram mais carne, enquanto se aguarda uma recuperação pelo fim dos embargos da China, do Iraque e da África do Sul, além da abertura do mercado norte-americano.

BRASIL: EXPORTAÇÃO DE CARNE BOVINA
EM US$ BILHÕES

ANO	*In natura*	Industrial	Outras	Total
2000	503	252	58	814
2001	739	252	58	1.049
2002	776	299	69	1.144
2003	2.255	338	97	1.590
2004	2.963	447	115	2.525
2005	2.429	525	116	3.060
2006	3.135	654	135	3.923
2007	3.486	694	245	4.425
2008	4.088	853	406	5.325
2009	3.022	649	465	4.118
2010	3.859	521	434	4.814
2011	4.167	643	566	5.376
2012	4.567	662	613	5.842
2013	5.355	661	613	6.658
2014	5.843	646	735	7.224

Fonte: SECEX/MDIC

Climate smart livestock, GTPS e o trabalho em busca de uma pecuária eficiente


MARCO FLÁVIO/GTPS

Fernando Sampaio

Presidente do Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS) e diretor executivo da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec)

A expressão '*climate smart livestock*' surgiu em uma conferência sobre clima e agricultura realizada na Holanda, em 2010. Referia-se a uma agricultura que, ao mesmo tempo que incrementa sua produtividade, torna-se mais resistente a mudanças climáticas e colabora para a mitigação de emissões.

Às vésperas da Conferência do Clima de Paris, convém retomarmos esse conceito, mas com foco na pecuária. Graças, principalmente, à queda nos índices de desmatamento, o Brasil tem conseguido reduzir suas emissões de GEE. No entanto, ao se reduzirem as emissões de outros setores, a pecuária ganha relativamente maior importância no inventário total de emissões do País.

É imprescindível que possamos encarar a pecuária não como um problema em relação às emissões, mas sim como um vasto leque de oportunidades para a mitigação destas emissões.

O Brasil vem aumentando sua produtividade e participando cada vez mais do mercado global de proteína, contribuindo, assim, para o nosso desenvolvimento econômico e, também, para a nutrição de populações, principalmente de países em desenvolvimento. Nos últimos dezoito anos, o Brasil aumentou suas exportações em 719%, reduzindo a área ocupada pela pecuária em 3,6%.

Ao mesmo tempo, ao melhorar a eficiência, reduzimos as emissões de metano por quilo de carne produzida e a pressão pela ocupação de novas áreas. Ao recuperarmos pastagens em áreas degradadas, aumentamos o sequestro de carbono e, ao contribuirmos para a implantação do Código Florestal, protegemos as fontes de água e a biodiversidade.

O Brasil pratica *climate smart livestock*.

As iniciativas do Pecuária Sustentável na Prática, programa implantado pelo Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS), em parceria com a Fundación Solidaridad, vêm reforçando, cada vez mais, que é possível desenvolver uma atividade sustentável, baseada nas boas práticas agropecuárias.

Como parte do programa, o GTPS lançou, em setembro, o "Guia de Práticas para Pecuária Sustentável", destinado a orientar produtores e extensionistas na aplicação de uma ampla gama de tecnologias disponíveis no Brasil, com uma classificação destas tecnologias de acordo com seu nível de complexidade e seu custo de implementação e incremento em curto, médio e longo prazos.

Buscando encorajar ainda mais essa eficiência produtiva, o GTPS está desenvolvendo, também, o "Guia de Indicadores da Pecuária Sustentável" (GIPS). O material, que, atualmente, está em fase de consulta pública, é fruto do consenso entre os atores da cadeia e contempla uma abordagem gradual com diferentes estágios de desempenho. Vale dizer que não é objetivo do GTPS estabelecer uma certificação ou qualquer nível de parecer, mas sim criar instrumentos para auxiliar a sustentabilidade em todos os elos.

O GIPS servirá, em um futuro próximo, como base de um programa de capacitação de produtores rurais, para que estes saibam não só em quais indicadores devem melhorar, mas, principalmente, como podem melhorar. Os dois guias vão convergir.

Há, evidentemente, um longo caminho pela frente para que a adequação legal e o acesso a tecnologia e crédito possam atingir a grande massa de produtores rurais no País. Entretanto, os nossos projetos demonstram que a transformação da produção é possível e plenamente sustentável.

Programa Novo Campo: pecuária sustentável na Amazônia


MARCO FLÁVIO/GTPS

Francisco Beduschi Neto

Vice-presidente do Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS) e gestor de Projetos do Instituto Centro de Vida (ICV)

O Programa Novo Campo promove práticas sustentáveis em fazendas de pecuária na Amazônia, melhorando o seu desempenho econômico, social e ambiental. O objetivo é contribuir para a redução do desmatamento, conservar ou recuperar os recursos naturais e fortalecer a economia local.

Trata-se de um programa de adesão voluntária do qual fazem parte pecuaristas, frigoríficos, empresas de varejo, instituições financeiras, profissionais de assistência técnica e organizações não governamentais. Para participar, existem critérios e compromissos a serem cumpridos para garantir a sustentabilidade de toda a cadeia pecuária.

O Novo Campo tem seis componentes, que tratam: da mobilização dos pecuaristas; da formação de profissionais de assistência técnica; da bonificação do produto pelos compradores; do financiamento para os investimentos; do monitoramento e da rastreabilidade da cadeia; e da integração com políticas de desenvolvimento territorial sustentável.

Os principais resultados alcançados são: aumento da taxa de lotação de 0,76 para 3,30 unidades animais/hectare (UA/ha); aumento da produtividade de 3,30 para 10,76 @/ha/ano; e redução na emissão de gases do efeito estufa de 353 g para 180 g de CH_4/kg de peso vivo.

Para vencer todos os desafios, foram agregados parceiros estratégicos, ficando cada um com um papel complementar na execução do Programa, cabendo ao ICV a coordenação.

Mais informações: http://www.icv.org.br/site/programa-novo-campo-2/

Consumo responsável e a pecuária brasileira: estrada de mão dupla



Natália B. Tendeiro

Coordenadora de Sustentabilidade do Walmart

O consumidor possui um papel fundamental e indiscutível nos direcionamentos das atividades de qualquer empresa, seja de produção de alimentos, bens duráveis ou prestação de serviços. Afinal, se ninguém comprar, não existirão motivos para se produzir.

Uma pesquisa do Instituto Akatu, realizada em 2010, sobre a percepção do consumidor brasileiro em relação à sustentabilidade e ao consumo consciente destacou que 60% dos consumidores acreditam que as empresas devem estabelecer ações além da legislação para trazerem benefícios à sociedade. Outro dado é que 62% acreditam que é importante que o consumidor pressione as empresas para que evitem danos ao meio ambiente.

É possível perceber que existe uma via de mão dupla em relação à responsabilidade de "cuidar" do meio ambiente e da sociedade. Por um lado, as empresas devem conhecer os riscos socioambientais associados às suas atividades e agir de forma a reduzir seus impactos negativos na sociedade, considerando que o cumprimento da legislação é algo indiscutível, e não um diferencial. Na outra ponta, os consumidores já estão cada vez mais utilizando suas compras como a principal ferramenta de incentivo às empresas que trabalham em prol da sustentabilidade, deixando o recado

para aquelas que ainda resistem em continuar produzindo de forma *business as usual*.

Para produtos bovinos, o comportamento do consumidor brasileiro tende a seguir a mesma lógica, especialmente após a maciça divulgação do envolvimento da carne bovina com o desmatamento da Floresta Amazônica e dos demais impactos socioambientais associados à produção de carne.

Muitas empresas do setor já se movimentaram e, além de transformarem seus processos produtivos, tornando-os mais eficientes e sustentáveis, provocaram mudanças positivas em toda a cadeia. Entretanto, estas empresas – incluindo aqui os pecuaristas – precisam ainda melhorar a comunicação de seus diferenciais socioambientais reais, de forma clara e objetiva, pois somente assim será possível transformar os 62% de interesse do consumidor sobre o tema em um ato de compra, concretizando uma grande vantagem em relação à concorrência e acelerando as mudanças de toda a cadeia produtiva em direção a uma pecuária mais sustentável.

Boas Práticas Agropecuárias



Alcides de Moura Torres Junior

Diretor fundador da Scot Consultoria e presidente da Associação dos Profissionais de Pecuária Sustentável (APPS)

Certa vez, conversando com o professor Moacyr Corsi, ele me disse que, embora estivesse há décadas viajando pelo Brasil, pregando o manejo correto de pastagens, pouca coisa havia mudado nos hábitos e nos costumes da pecuária brasileira.

Esta constatação interessante – e, ao mesmo tempo, desestimulante – resultava do fato de não haver necessidade de mudanças do ponto de vista do fazendeiro, por uma série de razões sobre a qual não cabe aqui discorrer.

Mas, o cenário mudou. Mudou institucionalmente e mudou em função do mercado.

Se, antes, o fazendeiro, por exemplo, optava por migrar para regiões de terras mais baratas e desbravar para produzir, hoje, esta ação estratégica foi proibida por decreto, pois o Código Florestal praticamente proibiu a abertura de fronteiras agrícolas no Brasil. Trata-se da única nação do mundo a adotar esta medida draconiana.

Se está certo ou errado, as gerações futuras que julgarão. Em função desse represamento, dessa contenção legal, resta aos fazendeiros brasileiros o aumento da produtividade – o aumento da produção cultivando a mesma área.

Por outro lado, os custos sobem sempre e a cotação do produto final cai por unidade produzida. A solução é, também, o aumento da produtividade por área. Acreditando que estes dois motivadores sejam suficientes para provocar uma mudança de hábitos, resta o desafio de produzir racionalmente, sem desperdício de recursos.

Nesse sentido, um conjunto de organizações tem divulgado e fomentado os métodos de produção cuja denominação é Boas Práticas Agropecuárias, e de adoção voluntária. Dentre estas organizações, que são muitas, tem-se a Embrapa Gado de Corte e o Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS).

Recentemente, o GTPS lançou o "Guia de Práticas para Pecuária Sustentável", cuja finalidade é orientar o fazendeiro para que explore a atividade, hoje e sempre, atendendo os requisitos legais e de mercado, perenizando a fazenda. Tal publicação foi escrita por técnicos, formados em Ciências Agrárias, que compõem o quadro de associados da Associação dos Profissionais de Pecuária Sustentável (APPS), a pedido do GTPS.

Avanços da pecuária de corte



Maurício Palma Nogueira

Coordenador de Pecuária da AGROCONSULT

No Brasil, o nível tecnológico da pecuária ainda está aquém do adotado na produção agrícola. No entanto, engana-se quem acredita que não tenham ocorrido avanços na pecuária de corte. A produtividade na pecuária dobrou no prazo de vinte anos: saiu de 1,9 @/ha/ano para 3,8 @/ha/ano, enquanto a área total de pastagem foi reduzida em 20 milhões de hectares, mesmo com o rebanho aumentando 46 milhões de cabeças.

O ritmo de implementação tecnológica é lento, pelas próprias características da pecuária; mesmo assim, é intenso e tende a acelerar nos próximos anos. Há uma queda na relação de troca entre bezerros desmamados comprados e a venda de um boi gordo. Na média de 2015, esta relação ficou abaixo de 2 bezerros por boi gordo vendido.

Esta relação de troca mais apertada para o comprador força um ritmo de tecnificação maior. Quanto mais caro for um bezerro diante do preço de um boi gordo, mais rápido e mais pesado o produtor terá que terminar este animal. Além de acelerar o ganho no animal, o produtor será obrigado a aumentar a lotação, com o objetivo de ampliar a produtividade por área.

O peso de um boi gordo abatido, por exemplo, na média nacional do abate formal, já supera 18,0 @. Fechados os dados do IBGE, o primeiro semestre de 2015 registrou o maior peso médio por carcaça abatida de toda a série histórica: 18,1 @. Também para 2015, a AGROCONSULT estima que seja o primeiro ano em que a média entre machos e fêmeas supere as 16,0 @, ou 240 kg de carcaça.



Essa realidade valoriza e estimula ao setor de cria, responsável por produzir os bezerros e as bezerras desmamadas. Diferentemente do que acontece na recria e na engorda, ou mesmo nas fazendas de ciclo completo, na produção de bezerros, há um limite tecnológico para o aumento da lotação em animais por hectare. Na produção de um bezerro de 180 a 210 kg de peso vivo, há a necessidade de manter, no mínimo, uma vaca de cerca de 450 kg. Isso no mínimo, pelo fato de que a porcentagem de desmame será sempre inferior a 100%. Além de pouco mais de uma vaca por bezerros (machos e fêmeas) desmamados, há a necessidade de manter parte de um touro ou rufião.

A definição do limite tecnológico para a atividade de cria está na precificação do bezerro. Até um determinado limite, a rentabilidade aumenta à medida que se intensifica, tal qual ocorre na recria e na engorda e no ciclo completo. No entanto, a partir deste limite, a rentabilidade por hectare começa a se reduzir. Este ponto não é fixo: quanto mais alto for o preço do bezerro, maior será o limite de tecnologia que pode ser aplicado.

A cadeia pecuária e a inovação



Roberto Risolia

Líder de Sustentabilidade da Dow AgroSciences

A pecuária representa uma grande oportunidade para o Brasil na área de Sustentabilidade, com potencial de mitigação de carbono e desmatamento, rentabilidade, produtividade e cadeia robusta.

Graças ao pacote tecnológico – que permitiu, entre outras conquistas, a melhoria das pastagens –, entre 2004 e 2014 houve um aumento médio de 50,3 kg para 62,8 kg de carcaça por hectare no Brasil (IBGE). Ainda que a área de pastagens tenha diminuído 10 milhões de hectares e o rebanho tenha se mantido estável, foi produzido um volume 13% maior de carne. O potencial é pelo menos dez vezes maior.

O jogo é o da informação rápida, da globalização, de mudanças nas demandas e queda nas margens por unidade produzida. E as cartas das gestões estratégica e financeira, aliadas ao conhecimento tecnológico, têm que ser colocadas na mesa para garantir o futuro da cadeia pecuária.

Cadeia pecuária? O pecuarista produz carne, e não mais boi. E ela tem que ser boa, com informações sobre o local e a forma de produção. O pecuarista cuida do meio ambiente, é justo com os animais e as pessoas e, ainda, concorre com outras carnes.

Do seu lado estão os fornecedores, a indústria e o Governo. O círculo fecha-se com o apoio de pesquisa e assistência, empresas financeiras, empresas do varejo, ONGs, associações e outros. O consumidor e a sociedade, assim, são beneficiados.

A pecuária é uma atividade milenar no mundo todo, e, no Brasil, existem registros desde 1534, há quase 500 anos. Nos últimos anos, a criação de gado vem avançando muito. Lembram como era nos anos 90?

Há pouco mais de dez anos, ouvia-se muito pouco ou nada sobre Cadastro Ambiental Rural, *drones*, IATF, gestão "na nuvem", clonagem, biotecnologia aplicada, Bolsa, baixo carbono, GTPS, APPs e pecuária de precisão. Muito disso não existia.

Hoje, temos muitas oportunidades, como o Plano ABC, com seus objetivos de recuperação de pastagens degradadas e a iLPF (integração Lavoura-Pecuária-Floresta), além de profissionais competentes e com conhecimento. Ao mesmo tempo, temos muito trabalho pela frente para colocar no campo toda essa inovação.

O que importa é que tudo isso já é realidade. A pecuária brasileira acelera para a produtividade, a sustentabilidade e a inovação.

Relevância da sanidade animal



Emílio Carlos Salani

Vice-presidente executivo do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (SINDAN)

O Decreto nº 5.053, de 22 de abril de 2004, constitui o regulamento dos estabelecimentos que fabricam e comercializam produtos de uso veterinário, cuja inspeção é feita pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Este licenciamento reconhece as Boas Práticas de Fabricação (BPFs) como elemento de qualidade dos produtos farmacêuticos e biológicos (substâncias de propriedades profilática e curativa). Mais recentemente, foi aprovado o Decreto nº 8.448, de 6 de maio de 2015, com enfoque na área dos produtos veterinários genéricos.

Assim, as indústrias fabricantes de produtos veterinários de naturezas farmacêutica e biológica investem cada vez mais em equipamentos modernos e na capacitação de profissionais, para se alinharem às exigências do MAPA. As BPFs obedecem todo um critério de inspeção, com regulamento técnico específico. Quanto ao desenvolvimento de novos produtos, o processo inicia-se com a solicitação de autorização de produção de partidas-piloto, submetidas a análise pelos laboratórios. Há um controle pleno do processo.

Em sintonia com a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), o serviço veterinário brasileiro, responsável pela condução da política de saúde animal, compartilha com o setor privado as responsabilidades nos seguintes programas nacionais:

- Programa Nacional de Erradicação e Prevenção da Febre Aftosa (PNEFA);
- Programa Nacional de Controle de Raiva dos Herbívoros (PNCRH);
- Programa Nacional de Controle e Erradicação da Brucelose e da Tuberculose Animal (PNCEBT);
- Programa Nacional de Controle de Resíduos e Contaminantes (PNCRC);
- Controle oficial das vacinas destinadas ao combate das doenças aviárias: de Newcastle, de Gumboro e bronquite.

A sanidade animal envolve questões relacionadas a enfermidades dos animais, saúde pública, controle dos riscos na cadeia alimentar, de modo a qualificar a oferta de alimentos seguros e promover a manutenção do bem-estar animal. Os rebanhos brasileiros de aves, bovinos e suínos representam um significativo patrimônio, distribuído por todo o território nacional. Elevando-se o *status* sanitário dos animais e se empregando medidas profiláticas e programas de melhoria da *performance*, elevaremos a competitividade do negócio de proteínas. ■

COMPLEXO AGV

A operação logística dos Armazéns Gerais de Vinhedo (AGV), especializados em armazenar produtos para saúde animal, possui uma central de selagem e distribuição, com a supervisão do SINDAN e dos laboratórios. Sua função é prestar os serviços de selagem, armazenagem e entrega de vacinas. Todos os frascos de vacina produzidos no Brasil recebem a aposição de um selo holográfico e autodestrutivo à remoção aprovado pelo MAPA. É um trabalho de excelência que valoriza a pecuária nacional.

SINDAN
Rua do Rocio, 313 - 9º Andar - Vila Olímpia; 04552-000 - São Paulo – SP
Telefone: (11) 4130-8440 /3044-4749;
E-mail: sindan@sindan.org.br